



PAULO FREIRE EM NÓS: RELEITURAS E VIRADAS EPISTEMOLÓGICAS NO TEMPO PRESENTE

PAULO FREIRE EM NOSOTROS: RELECTURAS Y GIROS EPISTEMOLÓGICOS EN LA
ACTUALIDAD

PAULO FREIRE IN US: REVIEWS AND EPISTEMOLOGICAL TURNS TODAY

Claudia Miranda¹

<https://orcid.org/0000-0001-6105-6356>

Fernando Guimarães Pimentel²

<https://orcid.org/0000-0001-8476-0493>

Pedro Vitor Coutinho³

<https://orcid.org/0000-0001-7026-6822>

Resumo:

O artigo recupera aspectos da práxis socioeducacional e sociopolítica, com destaque para a conexão estabelecida com territórios historicamente colocados à margem, na historiografia. Situamos Paulo Freire (1921-1997) como tributário do anticolonialismo, do marxismo e do progressismo católico latino-americanos, de meados do século XX, um pensador humanista que tem como marca, de sua interação, a participação nas dinâmicas engendradas nas bases. Destacamos movimentos populares e grupos de intelectuais, de sociedades clandestinizadas, que influenciaram a produção do quadro teórico e do *modus operandi* adotado e que apresenta capilaridade incontestada, no âmbito internacional. A abordagem incluiu releituras de processos formativos alcançados na África e no contexto latino-americano e caribenho onde situarmos sua presença efetiva, em diferentes períodos. Visamos compreender como se colocou em defesa de processos de libertação sociopolítica. Das análises produzidas, entende-se que esteve, efetivamente, interessado em viver, lado a lado, com “o outro da colonização”.

Palavras-chave: Paulo Freire; andarilhagens anticoloniais; viradas epistemológicas.

¹ Dra em Educação, professora do departameto de didática e do Programa de Pós-graduação em Educação da Uniro. Pesquisa políticas curriculares e pluralidade Cultural.

² Doutorando em Educação na UNIRIO e integrante do Grupo de Pesquisas Formação de Professores, Pedagogias Decoloniais, Currículo e Interculturalidade: agendas emergentes na escola e na universidade. - GFPPD.

³ Mestrando em Educação na UNIRIO, integrante do Grupo de Pesquisas Formação de Professores, Pedagogias Decoloniais, Currículo e Interculturalidade: agendas emergentes na escola e na universidade. – GFPPD e graduando em Pedagogia na UERJ.

Resumen:

El artículo recupera aspectos de la *praxis* socioeducativa y sociopolítica, destacando la conexión que se establece con territorios históricamente marginados, en la historiografía. Situamos a Paulo Freire (1921-1997) como pensador influenciado por el anticolonialismo, el marxismo y el progresismo católico latinoamericanos a mediados del siglo XX, un humanista cuya marca, desde su interacción, es la participación en las dinámicas engendradas desde las bases. Destacamos los movimientos populares y grupos de intelectuales, de sociedades clandestinizadas, que influyeron en la producción del marco teórico y el *modus operandi* adoptado y que tiene una capilaridad indiscutible en el ámbito internacional. El abordaje incluyó relecturas de procesos formativos logrados en África y en el contexto latinoamericano y caribeño donde ubicamos su presencia efectiva, en diferentes períodos. Nuestro objetivo ha sido comprender cómo se posicionó en el proceso de liberación sociopolítica. De los análisis producidos se desprende que, de hecho, estaba interesado en convivir, al lado del otro de la colonización.

Palabras-clave: Paulo Freire; rutas anticoloniales, giros epistemológicos.

INTRODUÇÃO

*A libertação, por isto, é um parto. E um parto doloroso.
O homem que nasce deste parto é um homem novo
que só é viável na e pela superação da contradição
opressores/oprimidos, que é a libertação de todos.
A superação da contradição é o parto que
traz ao mundo este homem novo não mais opressor;
não mais oprimido, mas homem libertando-se.
(Paulo Freire em “Pedagogia do Oprimido”)*

Paulo Reglus Neves Freire (1921-1997) foi um caminhador que, ainda bem jovem, cruzou fronteiras para reiniciar suas jornadas de aprendizagem sobre o Brasil. A epígrafe que abre esse texto fora escrita por ele e aparece na obra de maior referência para o pensamento pedagógico. Definido como um humanista, tem como marca de sua interação, a participação nas dinâmicas engendradas nas bases. Nascido na capital Recife (Pernambuco), viveu intensamente a dinâmica dos movimentos culturais. Conhecido como Paulo Freire, o educador, filósofo, professor universitário e escritor mais conhecido do país, incluiu a América Latina e a África em suas reconexões filosóficas. “Revolução” e “Educação” são descritores inseparáveis, para quem deseja localizar as mais importantes viradas alcançadas, a partir de um tipo de hibridismo revigorante. Freire é tributário do anticolonialismo, do marxismo e do progressismo católico latino-americanos, de meados do século XX, sendo este último, o que ficaria conhecido, em sua forma mais pujante, como “Teologia da Libertação”. Em Freire podemos identificar, ainda, diálogos ditos e não ditos com autores como Albert Memmi, Amílcar Cabral, Frantz Fanon, Darcy Ribeiro, bell hooks, entre outras (os) pensadoras (es).

Na tarefa de situarmos sua presença, efetiva, em diferentes lugares do mundo, não podemos deixar de mencionar alguns dos nomes de pessoas influenciadas por sua produção intelectual e por sua *práxis* socioeducacional e política. Estão entre elas, bell hooks, Catherine Walsh, Augusto

Boal, Ivanilde Apoluceno de Oliveira, Carlos Alberto Torres, Moacir Gadotti, Henry Giroux, Shirley R. Steinberg, Peter McLaren, Joe L. Kincheloe, James H. Cone e Cornel West. Em nossas andarilhagens com Freire, passou a ser uma exigência, compreender como se colocou em defesa de processos de libertação sociopolítica e socioantropológica. A nosso ver, interessou-se por viver, lado a lado, com “o outro da colonização” e, por impulsionar perspectivas formativas libertadoras, como bem propõe em sua obra mais traduzida, a “Pedagogia do Oprimido” (FREIRE, 1978, p.35):

A liberdade, que é uma conquista, e não uma doação, exige uma permanente busca. Busca permanente que só existe no ato responsável de quem a faz. Ninguém tem liberdade para ser livre: pelo contrário, luta por ela precisamente porque não a tem. Não é também a liberdade um ponto ideal, fora dos homens, ao qual inclusive eles se alienam. Não é ideia que se faça mito. É condição indispensável ao movimento de busca em que estão inscritos os homens como seres inconclusos.

No fragmento acima, o autor assume a posição de convocante e, a capilaridade desse chamamento é incontestável. A referida obra foi traduzida para dezenas de idiomas e, no Brasil, foi publicada no ano de 1974. O mergulho na sua produção, nos leva, pouco a pouco, a situar a dissonância do humanista, com o projeto de país que criticava radicalmente. Com alcance internacional, a “pedagogia libertadora”, também chamada de “educação para a liberdade”, e/ou de “educação popular” passou a incidir na dinâmica organizacional dos movimentos sociais. Gestores, líderes populares, movimentos artísticos, e intelectuais engajados, em diferentes arenas, acolheram o temário propositivo.

As obras *Educação como prática da liberdade* (1967) e *Pedagogia da autonomia* (1996) estão entre as maiores referências para pesquisas identificadas com as correntes educacionais críticas e pós-críticas. Foi contra a educação bancária que Freire lutou e desenvolveu suas principais filosofias pedagógicas. Foi no intuito de libertar o oprimido e, dessa forma, dialeticamente, libertar o opressor, que Paulo Freire atuou na alfabetização de adultos como atividade extensionista, escreveu suas obras que correram o mundo, foi homem público no sentido estrito e lato do termo.

A educação autêntica, repitamos, não se faz de “A” para “B” ou de “A” sobre “B”, mas de “A” com “B”, mediatizados pelo mundo. Mundo que impressiona e desafia a uns e outros, originando visões ou ponto de vista sobre ele. Visões impregnadas de anseios, de dúvidas, de esperanças ou desesperanças que implicam temas significativos, à base dos quais se constituirá o conteúdo programático da educação (FREIRE, 1978, p. 98-99).

“Ensinar exige consciência do inacabamento” (FREIRE, 2010, p. 50). É dessa maneira que Freire entende a docência, ou melhor a ação de ensinar/aprender: o ser humano, o homem e a mulher são seres inacabados e são os únicos que possuem consciência desse fato. Isso significa que o processo educativo, por sua vez, também não possui um final, é constante, é componente essencial da vida, da própria existência. “Gosto de ser gente porque a História em que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidades e não de determinismo. Daí que insista tanto na problematização do futuro e recuse sua inexorabilidade” (FREIRE, 2010, p.52).

A práxis socioeducacional que adotou, o levou a assumir posturas dissonantes com o *status quo* e, justamente, sobre o lugar de importância da universidade, fez o seguinte alerta:

Às universidades brasileiras, tardiamente surgidas, vêm faltando, de modo geral, uma armadura e um conteúdo programático adequados ao clima novo em que nasceram e a que, porém, não correspondem. Nascidas nesse clima, são mais filhas, porém, de outra época. Perdem-se, quase sempre, num saber inautêntico, discursivo, palavresco. Não são tecnológicas. Funcionam através de faculdades isoladas, compostas de cátedras também isoladas. Falta-lhes organicidade. Não se vinculam estreita e sistematicamente com a realidade local, regional e nacional (FREIRE, 1961, *apud* QUERUBIM, 2013, p. 123).

Desse mesmo lugar de convocante, estive à frente da Secretaria de Educação, no município de São Paulo (1989-1991) e, não seria exagero afirmar que seus argumentos revelaram o compromisso com as etapas da luta por libertação, que exigem tomada de posição e afinidade com um projeto de país anticolonial. A transformação social - que não é realizada de modo equilibrado e que, dificilmente alcança consenso - orientou as conexões feitas internamente e, também, fora do país. Chama a atenção a crítica de Freire, à época, com a missão política das Instituições de Ensino Superior (IES) frente às realidades locais, regionais e nacional.

Sabemos que as IES foram instadas ao debate da sua democratização e, com essa nova demanda, as estruturas se modificaram tendo como maior desafio, a ampliação de vagas para as diferentes carreiras. Em meados dos anos de dois mil (gestão do Partido dos Trabalhadores), com a redemocratização dessas esferas, vimos sinais de um início de mudança de mentalidade, com novas perguntas sobre os tipos de exclusão instituídos no Brasil.

Antes mesmo do início desses processos, o autor já insistia que, em nome da democratização da universidade, não se podia fazê-la pouco séria. Acreditava que era preciso ser incisivo com a política do fazer universitário. Assim, não caberia neutralidade no ensino, na pesquisa ou nos programas de extensão: “Preciso saber a favor de que e de quem, portanto, contra que e contra quem pesquiso, ensino ou me envolvo em atividade mais além dos muros da Universidade” (FREIRE, 2007, p. 116). Entende-se que, em sua interpretação, seria indispensável indagar sobre de que maneira se poderia trabalhar a favor da emancipação das classes populares? De que forma a universidade poderia se comprometer com a superação do caráter colonial e alienante de sua *práxis*? Como sugestão, teríamos que deslocar os temas das pesquisas para a realidade vivida pelas camadas populares que contribuíssem para a sua inserção. Com essa defesa, pode-se ratificar que a *práxis* sociopolítica adotada, foi com base em uma pegada revolucionária e em defesa da participação de todos, em todos os setores da sociedade. Como investigadora (es), assumimos o compromisso com releituras sobre a educação instituída com o objetivo de entender outros itinerários possíveis. Sendo assim, interpretar as agruras do tempo presente é parte da agenda investigativa.

NEGACIONISMO NO BRASIL E GOLPES CONTRA O *ETHOS* REVOLUCIONÁRIO

Decerto, viver no exílio, como todos as pessoas que são forçadas a migrar por perseguições político-ideológicas, não é uma experiência cômoda. Na contracorrente, Paulo Freire aproveitou a dor da exclusão para fortalecer o ideário no qual se forjou e, a sua conexão com a totalidade, com as questões mais amplas acerca do processo civilizatório, ressignificou os seus percursos.

Nos últimos cinco anos, estive, novamente, sob ataque e foi mais uma vez, condenado. Não é difícil encontrar frases de efeito que reflitam o desejo de eliminação do ideário que propagou. As principais Instituições de Ensino Superior (IES), os institutos de pesquisa, os grupos

e coletivos de ativistas dos movimentos sociais as/os artistas, todos esses setores que são identificados como “gente de esquerda”, estiveram sob ataque, juntamente com Paulo Freire. O pensador de Pernambuco esteve à frente do Serviço de Extensão e Cultura da Universidade do Recife no início da década de sessenta.

Terror, injustiças de toda ordem, incluindo a violação de corpos, situados à margem, nas periferias rurais e urbanas, são aspectos em destaque na história da sociedade brasileira. Na atualidade, jovens pobres são presos (as) e condenados (as) por falta de assistência jurídica. A experiência das populações em diáspora, das populações originárias e hoje, das populações migrantes, exige que tenhamos como ponto de problematização as travessias soterradas por um *ethos* colonial sufocante e que perdura, no território da América Latina.

Denunciar as formas de invisibilização e de eliminação dos grupos humanos transformados nos “diferentes”, é parte de um projeto que Achille Mbembe define como necropolítica/necropoder:

[...] propus a noção de necropolítica e necropoder para explicar as várias maneiras pelas quais, em nosso mundo contemporâneo, armas de fogo são implantadas no interesse da destruição máxima de pessoas e da criação de “mundos de morte”, formas novas e únicas da existência social, nas quais vastas populações são submetidas a condições de vida que lhes conferem o status de “mortos-vivos” (MBEMBE, 2016, p.146).

A experiência dos grupos marginalizados é a experiência de “mortos vivos”. Com a pandemia de COVID-19, as camadas de violência contra sus corpos aumentou e os desafios para garantir direitos aumentaram. Com Mbembe entende-se que matar ou deixar viver constituem os limites da soberania. No começo do ano de 2021, ouvimos relatos que afirmavam que as consequências seriam irrecuperáveis e, o quadro situacional, deixaria o país destruído. Superamos a marca de 600 mil mortos. Nos jornais periódicos, de todo o mundo, foi possível encontrar notícias sobre um Brasil despedaçado por sucessivas crises políticas, e sobreposição de decisões alinhadas com o necropoder.

Notadamente, as classes trabalhadoras foram as mais afetadas com a ausência de uma política específica que considerasse as vulnerabilidades estruturais e, como se tem vindo à tona, com a presença de uma política deliberada de propagação do vírus (VENTURA *et ali*, 2021). As populações negras e os povos originários sofreram ainda mais, mais do que já sofrem com o racismo e o patriarcado enraizados. Não é absurdo falar em genocídio, quando se analisa os impactos da onda fascista em curso.

A desqualificação do pensamento científico e do *ethos* acadêmico animaram a pauta da gestão pública que passou a instituir ataques abertos aos setores que apoiam os movimentos sociais. Os Povos Originários, as populações quilombolas e faveladas, os estudantes, artistas, pesquisadoras (es) e diferentes setores - engajados na luta por políticas de inclusão -, que visam apoiar projetos de diminuição das desigualdades sociais, foram os mais impactados. A onda negacionista, tem influenciado comportamentos de grupos que promovem discursos contra políticas de reparação e pregam o extermínio de seus “opositores”. Presente em nós, Paulo Freire é ameaçador por impulsionar nossas pegadas no campo do qual fazemos parte. Podemos afirmar que a estratégia em curso, se desenvolve inspirada no necropoder, tendo em vista que a vida das populações racializadas passou a ser descartada.

A “Coalizão Negra por Direitos”⁴, um fórum permanente - que reúne organizações e núcleos de referência, em todo o território nacional -, se movimenta reivindicando ampliação do Estado além da implementação de políticas de proteção, para afrodescendentes. A Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB) tem atuado em prol dos direitos dos Povos Originários (está em nove estados da Amazônia Brasileira: Acre, Amapá, Amazonas, Maranhão, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins). Essas frentes e coalizões, ganham maior protagonismo na medida em que ampliam sua interlocução e interpelam os órgãos internacionais comprometidos com a garantia de direitos básicas. As pautas que assumem, como partícipes da transformação do imaginário social, reeducam a sociedade na sua totalidade. Compreender as estratégias de insurgência dos movimentos socioculturais, e dos movimentos pedagógicos, exige maior inclinação tendo em vista o abalo sofrido, com as ondas negacionistas.

A necropolítica adotada, para borrar, da história, as referências que orientam deslocamentos anticoloniais -, como aqueles feitos por Paulo Freire - reascendeu contornos de uma cartografia inacabada. Por causa disso, faz sentido recuperarmos alguns percursos que inspiram outras historiografias sobre o autor aqui em questão. Nas comemorações do seu centenário importa revisitar suas andarilhagens pelo continente africano e reconhecer o hibridismo alcançado também na Diáspora Africana.

CONEXÕES COM O PENSAMENTO REVOLUCIONÁRIO AFRICANO

Em sua dedicatória, na tese de doutorado, realizada pela Universidade de Cabo Verde, Iva Cabral (2013) escreve: “[...] ao meu pai que me “obrigou” a fazer o curso de História, porque pensava que esta devia ser escrita e contada por nós, africanos, e acreditava que sem o conhecimento do seu passado e a valorização da sua cultura um povo não pode ser completamente livre”. Para Curry Malott (2021), o pensador Amílcar Cabral (1924-1973), um intelectual revolucionário de Guiné-Bissau, líder do movimento de libertação nacional, foi quem mais fortemente influenciou as análises desenvolvidas pelo patrono da Educação, no Brasil. Alguns trabalhos e teses, localizadas nesse contexto, indicam o reconhecimento das interações que Freire alcançou em seus diferentes períodos de exílio.

Aprendeu que a leitura da palavra seria a leitura do mundo e assim, nos conduz às proposições de Amílcar Cabral. Em *Amílcar Cabral: o Pedagogo da Revolução*, Paulo Freire (1985, pp.4-5) reforça a importante convocatória do pensador africano, que está entre os pensadores que animam sua produção sobre o lugar da cultura, para processos de libertação de sociedades diversas:

Mas a gente lia, eu costumava a ler o Amílcar assim, página por página, palavra por palavra, fazendo minhas notas, e quando cheguei, fomos juntos, a equipe do Instituto de Ação Cultural – IDA, e eu a Bissau, nós começamos então a conversar com gente que havia lutado ao lado de Amílcar, com gente cabo-verdiana e com gente guineense, que havia lutado com Amílcar, ao lado de Amílcar. E a gente foi vendo e comprovando uma enorme coerência, através dos depoimentos, entre o que a gente lia nos textos de Amílcar, e o que se diziam a nós nos depoimentos. Gente moça, gente jovem, guerrilheiro que tinha lutado nos campos, nas matas com Amílcar. Então, a leitura de Amílcar, a personalidade Amílcar, de Amílcar

⁴ Ver em: <https://coalizaonegropordireitos.org.br/>

como um grande revolucionário, era uma coisa que a mim me fascinava e me fascina completamente hoje.

Sendo assim, essa é a temática de fundo, no nosso modo de entender as vinculações existentes com grupos revolucionários envolvidos com a emancipação sociopolítica no continente africano. Freire destacou o que Amílcar Cabral chamou de “debilidade da cultura”:

Eram essas as dimensões da cultura que ele chamava de debilidade da cultura, essas debilidades estavam do ponto de vista da sua análise, exatamente, nas relações entre o ser humano e o mundo natural. E ele defendia, vejam que coisa bacana, que não era sacudir a pá de terra em cima daquela compreensão mágica do real, não era para as pessoas ficarem ao nível daquela debilidade, mas era partir daquela debilidade, para poder alcançar a sua superação. É isso que em nível político pedagógico eu venho dizendo desde os anos cinquenta (FREIRE, 1985, p.12).

Paulo Fernando Campbell Franco (2009, p.10) acredita que o pensamento e a prática social e política de Amílcar Cabral, revela um ideário de consecução da independência: “ele resignificou as ideias próprias dos saberes coloniais, entrelaçando-as com um passado africano anterior e elaborou uma resposta muito significativa à ideologia imperial”. Complementa que nos anos de 1960, Cabral pensou sobre uma questão reveladora:

[...] as relações de dependência e reciprocidade entre a luta de libertação nacional e a cultura. A reflexão de Cabral foi orientada por três elementos: a personalidade cultural do povo, a cultura como elemento de resistência ao colonialismo e o discernimento dos elementos positivos das culturas africanas (FRANCO, 2009, p.12).

E podemos ampliar o que menciona Franco, a partir da compreensão que Freire alcançou do pensador revolucionário:

Em Cabral eu aprendi uma porção de coisas, digo em Cabral significando também com Cabral [...] Eu confirmei outras coisas de que eu suspeitava, mas eu aprendi, por exemplo, uma coisa que é a necessidade que tem o educador progressista e o educador revolucionário [...] um educador progressista é aquele que trabalha numa sociedade burguesa de classe como a nossa, por exemplo, e tem o sonho que o transcende, que vai mais além de fazer a escola melhor, mas que é preciso fazer, porque ele sonha é mesmo com a transformação radical da sociedade burguesa, numa sociedade socialista [...] O educador revolucionário é aquele que já se encontra situado histórica e socialmente, na sociedade, em processo, em um nível maior do processo atual (FREIRE, 1985, pp.14-15).

Com as interpretações que faz, pode-se entender como sua categoria de “oprimido”, deriva do diálogo com as filosofias africanas e afrodiáspóricas.

NAS “AMÉRICAS” COM PAULO FREIRE

Sobre a presença do ideário freireano, no contexto da AL e Caribe, pode-se realizar algumas importantes argumentações. Busca-se, nas investigações que vimos realizando, maior vínculo com o pensamento pedagógico de nossa região (América Latina) e nesse percurso mais ao Sul, foi possível encontrar a influência de Freire, tendo em vista a fluidez das perspectivas educacionais de projetos que se tornaram referência nacional. Desde a experiência de investigação, na Colômbia, Alfonso Torres Carrillo (2008, p. 26) discorre:

Las experiencias y reflexiones del profesor de Historia y Filosofía de la Universidad de Recife, Paulo Freire, se constituyen en la primera propuesta pedagógica reconocida de Educación Popular. Este educador brasileño, desde la experiencia de los Círculos de Cultura, critica al extensionismo y a los métodos tradicionales de educación de adultos como pedagogías “bancarias” o “domesticadoras”. Al mismo tiempo, propone un método de alfabetización que denomina concientizador, el cual, a la vez que posibilita que los adultos aprendan a leer y escribir, contribuye a que éstos tomen conciencia de su propia realidad, estableciendo un puente entre sus propias vivencias y el lenguaje escrito.

A partir de sua análise, é possível localizarmos amplas movimentações marcadas pela exemplaridade da proposta gestada no Brasil, por um filósofo da educação atento e engajado. Sua posição foi fundamental para interpretar grandes demandas. Com as raízes no Nordeste do país, situa um quadro desafiador para quem desempenha papéis na gestão pública e que depende de fóruns permanentes para o debate socioeducacional.

Os ideais de educação preconizados por diferentes projetos cubanos, na atualidade, expressam o nível da capilaridade de Paulo Freire, em um país fundamental para a luta pela garantia de acesso à educação e maior mobilidade social. Com um histórico de 400 anos sob o domínio espanhol, o índice de alfabetização de Cuba, conforme os levantamentos das Nações Unidas, de 2007/2008, foi de 99,8%. O Centro Memorial Dr. Martin Luther King Junior (CMMLK) é um *locus* de trabalho onde a proposta de educação popular dá o tom. A base de seus projetos é o progressismo católico de Frei Betto e de Paulo Freire. Desde sua criação em abril de 1987 o CMMLK, desenvolve projetos educacionais comprometidos com o povo cubano, sua Revolução, o socialismo e que defendam plenamente a vida de todos os seres humanos. Projetos esses que encontram na teoria freireana uma base teórica metodológica com profundo poder transformador e que parte da interlocução com conhecimentos marginalizados dentro de uma narrativa hegemônica

O CMMLK reivindica Freire como parte integrante do caráter libertador da Revolução, para que a partir de seus escritos tente-se buscar uma pedagogia emancipadora, pois “Con su base humanista y liberadora, tendrá, dos momentos distintos e interrelacionados: en principio los oprimidos van descubriendo el mundo de la opresión, y se comprometen, en la praxis con su transformación y luego, una vez modificada la realidad opresora, esta pedagogía pasa a ser un proceso de permanente liberación.”⁵.

Sobre sua passagem pelo Chile, destacaríamos o que incluiu em “Cartas à Guiné Bissau”:

Uma experiência como esta – a de aprender primeiro para, ensinando depois, continuar a aprender – tínhamos tido, particularmente Elza e eu, no Chile, quando e onde, ao travar os primeiros encontros com educadores chilenos, escutávamos mais do que falávamos e, quando falávamos, era para descrever a prática que tivéramos no Brasil, com suas negatividades e suas positivities e não para prescrevê-la aos educadores chilenos. Foi aprendendo com eles, com os trabalhadores dos campos e das fábricas, que nos foi possível ensinar também. Se algo que fizéramos no Brasil repetimos tal qual no Chile, foi exatamente não separar, de um lado, o ato de ensinar do de aprender; de outro, não tentar superpor ao contexto chileno o que havíamos feito de maneira distinta nos diferentes

⁵ Disponível em: <https://cmlk.org/article/otra-vez-freire/>, com último acesso em 22 de outubro de 2021 às 01:27, horário de Brasília.

contextos brasileiros. Na verdade, as experiências não se transplantam, se reinventam. Porque, disto convencidos, uma de nossas preocupações básicas, permanentes, durante todo o tempo em que nos preparávamos, em equipe, para a primeira visita à Guiné-Bissau, foi a de nos vigiar quanto à tentação de superestimando este ou aquele aspecto desta ou daquela experiência de que antes participáramos, pretender emprestar-lhes validade universal (FREIRE, 1978, p. 12).

As pistas sobre as formações obtidas, com a escuta sensível, na Guiné-Bissau, podem ser encontradas nesse relato, em suas andarilhagens pelo Chile e, seguramente, por outros lugares da América Latina e Caribe. A exemplaridade e as boas práticas, são exigidas na formação de profissionais que atuaram nos sistemas educacionais e que formulam políticas diversas. Nossas imersões em diversos congressos encontros e fóruns, nos países do entorno, anunciam o peso das orientações absorvidas ao longo de mais de meio século. Carrillo (2008) ratifica a influência da pedagoga freireana, na Colômbia. O autor dá a seguinte ênfase:

Simultaneamente, los movimientos populistas de las décadas de 1940 y 1950 procuraron darle a la educación un carácter nacionalista y democrático, exaltando las culturas populares autóctonas y la capacidad creativa del pueblo. José Domingo Perón en Argentina, Víctor Raúl Haya de la Torre y el APRA en el Perú, Lázaro Cárdenas en México y Jorge Eliécer Gaitán en Colombia, vieron en la educación y la cultura un espacio adecuado para el desarrollo de sus movimientos. No hay que olvidar que es durante un gobierno populista, el de João Goulart, cuando Paulo Freire inicia sus experiencias de educación liberadora en Brasil (CARRILLO, 2008, p.25).

Carrillo acrescenta: “En Colombia [...] la educación como extensión se expresó en el impulso de la Acción Comunal y de la Asociación de Usuarios Campesinos. Ambos procesos estuvieron acompañados de campañas de alfabetización, que pretendían generar efectos concretos en el desarrollo comunitario” (Idem). São essas algumas das mais importantes nucleações da Colômbia, que disparam outras dinâmicas coletivas. Com essa importante cartografia, pode-se entender o quanto do ideário de Freire, segue em nós e, orienta nossas agendas por justiça social e inclusão. As ondas de ataque que vimos sofrendo, em toda a região, nos exige a retomada do *ethos* revolucionário que animou diferentes setores envolvidos com as comunidades de bases. Releituras diversas passam a ser uma exigência e para tanto, entra na pauta, mais uma vez, o legado freireano e sua exemplaridade.

Sobre os estudos do pensamento pedagógico freireano, Ivanilde Apoluceno de Oliveira (2015, p. 60) dá importante contribuição quando reconhece a participação do educador e filósofo, na conformação de outras tessituras mais interculturais para o campo da Educação. A autora considera que a educação popular de Paulo Freire “apresenta uma gênese teórica marxista, existencialista, fenomenológica, humanista e personalista, pautada em uma visão dialético-histórica do mundo que está relacionada com a sua prática nos movimentos de educação popular”. Ao mesmo tempo, afirma:

No cenário do surgimento da educação popular no Brasil encontra-se a crítica dos movimentos populares à imposição da cultura dominante e a valorização de experiências da cultura popular, sendo realizado o debate epistemológico da legitimação social do saber popular, que historicamente é desvalorizado pelo seu corte de classe, gênero e etnia, em relação ao saber científico. A relação entre os saberes na educação popular está dimensionada no campo político e cultural.

Para a autora, a pujança do ideário freireano transborda ao esbarrar nas dinâmicas dos Movimentos de Cultura Popular, identificados por ela, como principais agências de realização de experiências educacionais. Ao enfrentarem a alienação gerada por uma engrenagem sufocante (necropoder), as populações colocadas à margem, identificaram a penetração violenta das culturas dominantes e reagiram ratificando a centralidade das chamadas “culturas populares”. Outra vez, pode-se entender como os Povos originários e afrodescendentes – situados em Quilombos e em favelas e morros -, são protagonistas nas histórias de ruptura com um sistema alinhado com a eliminação das populações transformadas em a “outra” colonial. Pelo exposto, passa a ser urgente retomarmos as trilhas dos movimentos sociais e culturais visando alcançar outras educações.

À GUIA DE CONCLUSÃO

Com Freire, aprendemos que a educação é ferramenta para construir a própria história, mudar o rumo dos ventos que sopram desfavoráveis, superar contradições, limites e, junto com isso, a necropolítica e opressões por ela gerada. Aprende-se que a História é campo aberto, arável, no qual se semeia possibilidades de forma ativa e não passiva ou reativa. Ficamos, mais uma vez, com suas inspirações, tendo em vista que, em sua concepção, o importante é que a luta dos oprimidos se dê para superar a contradição que engendra a opressão. E que esta superação possa significar o surgimento de um outro modo de estar: sem pessoas opressoras e sem oprimidas. “Conscientização” é palavra-chave para entendermos as andanças epistemológicas e a *práxis* educativa e revolucionária que adota. Conceito engendrado no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) na década de 1960 e difundido para o inglês e o francês por Dom Hélder Câmara, - segundo o próprio Paulo Freire -, a palavra passou a fazer parte do seu vocabulário desde que a ouviu pela primeira vez e pode compreendê-la com a profundidade de seu significado.

Por tudo isso, caberia garantirmos novas imersões nos territórios pelos quais o autor aprendeu sobre as estratégias significativas, no âmbito das lutas anticoloniais. Sua jornada incluiu a colaboração, a parceria e a elaboração/execução de rotas comuns, incluindo grupos historicamente colocados à margem. A negação do Brasil tem muito do *ethos* colonial e pode ser um primeiro ponto para a nossa agenda emancipatória elaborada em redes colaborativas, privilegiando expedições mais ao Sul.

Com o golpe contra a democracia, no Brasil, enfrenta-se ataques violentos visando o desmonte do legado revolucionário presente em nós, terceiro-mundistas. O pensador brasileiro enfrentou o exílio para manter-se vivo e livre, e pode encontrar outros convocantes como ele. Superou inúmeros ataques já que esteve censurado em vida. Destacamos como a perseguição sofrida, relaciona-se com os interesses de grupos opositores, que acreditam em “escola sem partido”, em “ordem e progresso”. Das agruras do tempo presente, vimos tentativas de censura, com novos contornos. Sobre o teor dos ataques, a perspectiva educacional defendida - que visava a politização das classes populares -, tornou-se ameaça. Não foi por acaso que Paulo Freire viveu a experiência do exílio. Não é por acaso que, hoje, “guardiões dos regimes ditatoriais”, ainda o combatem. O impacto desses golpes contra a educação e, as tentativas de soterramento do seu legado, são reais. A desalienação passou a ser uma demanda efetiva, para quem deseja um projeto republicano de país. A tomada de consciência, portanto, entra, novamente na pauta. Exige-se uma retomada do *modus operandi* das coletividades inspiradas em Paulo Freire, na nossa região. Com

elas, poderemos experimentar processos libertadores que podem ser adotados, para impulsionar insurgência.

REFERÊNCIAS

CABRAL, Iva Maria de Ataíde Vilhena. **A primeira elite colonial atlântica dos «homens honrados brancos» de Santiago à “nobreza da terra” (Finais do séc. XV – início do séc. XVII)**. (Tese de doutorado). Praia: Universidade de Cabo Verde, 2013.

CARRILLO, Alfonso Torres. *La Educación Popular: trayectoria y actualidad*. Bogotá, Editorial el Buho, 2008.

FRANCO, Paulo Fernando Campbell. **A palavra falada, a palavra vivida**. Programa de pós-graduação em História Social (Dissertação de Mestrado). São Paulo: 2009. FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo; FREIRE, Ana Maria Araújo (org.). **Pedagogia da tolerância**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. Tradução de Katia de Mello e Silva. São Paulo: Editora Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. O professor universitário como educador. **Revista de Cultura da Universidade do Recife**. Recife, n. 1, pp. 45-47, jul/set 1962.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Notas de Ana Maria Araújo Freire. Prefácio de Leonardo Boff. 13 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 6ª edição. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**. 8ª ed. Indaiatuba: Villa das Letras, 2007.

FREIRE, Paulo. **Universidade e compromisso popular**. Campinas: Puccamp, 1987.

GADOTTI, Moacir. **Convite à leitura de Paulo Freire**. São Paulo: Editora Scipione, 2004.

MBEMBE, Achile, **Necropolítica**. *Arte & Ensaios | revista do ppgav/eba/ufrrj* | n. 32 | dezembro 2016

MALOTT, Curry. Como Amílcar Cabral inspirou a pedagogia de Paulo Freire. **Jacobin Brasil**. Acesso: <https://jacobin.com.br/2021/09/como-amilcar-cabral-inspirou-a-pedagogia-de-paulo-freire/>

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. **Paulo Freire: gênese da educação intercultural no Brasil**. Curitiba: CRV, 2015.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. **Cultura e interculturalidade na educação popular de Paulo Freire**. *Eccos – Rev. cient.*, São Paulo, n. 25, p. 109-124, jan./jun. 2011.

QUERUBIM, Viviane Rosa. **Paulo Freire e o ensino superior: referenciais freireanos para pensar a universidade brasileira**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2013.

VENTURA, Deisy de Freitas Lima et ali. **A linha do tempo da estratégia federal de disseminação da covid-19**. São Paulo, CEPEDISA, 2021. Disponível em https://cepedisa.org.br/wp-content/uploads/2021/06/CEPEDISA-USP-Linha-do-Tempo-Maio-2021_v3.pdf. Acesso em 20/10/2021 às 01:06.

TORRES, Carlos Alberto. **Pedagogia da luta: da pedagogia do oprimido à escola pública popular**. Campinas: Papyrus, 1997.